

# YI JING

## ORÁCULO CHINÊS

### INTERPRETADO

Elisabete Araujo Leonetti

Florianópolis, 2011

Dedico esta obra à minha filha  
Clarissa,  
com todo o meu amor.

## Conteúdo

AGRADECIMENTOS .....	4
PREFÁCIO .....	6
INTRODUÇÃO .....	8
BIBLIOGRAFIA .....	21

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas, ao longo dos anos, contribuíram para que este livro fosse idealizado e concretizado.

Delas, nenhuma foi ou é mais atuante e influente do que meu amigo Jorge Vulibrun, que repetidas vezes, ao longo de décadas, desde os meus 21 anos, senta -se a discutir o Yi Jing comigo, comentar consultas, estudar os conceitos do livro e o significado e estrutura dos hexagramas. E me presenteou com várias versões e traduções do livro. Por várias vezes ele organizou grupos de estudo do Yi Jing, reunindo pessoas que, como nós, tinham a curiosidade pelo oráculo, se sentiam fascinadas pela possibilidade de um livro, escrito há milhares de anos, poder dar a resposta pertinente às dúvidas de cada um, hoje.

Coroando seu intenso e extenso estudo do Yi Jing, Jorge aprendeu chinês e elaborou uma nova tradução do texto oracular original, e é nesta tradução que apoiei a minha interpretação porque, sem sombra de dúvida, apresenta mais coerência com os significados do desenho das linhas e com todo o simbolismo do Yi Jing do que todas as demais traduções que conheço.

Ao Jorge, pelo que me ensinou, pelo estímulo e, principalmente e especialmente pela amizade e companheirismo, o meu muito, muitíssimo obrigada.

E a quem mais está do meu lado nesta vida, sempre interessada, sempre apoiando e completando todos os momentos de pesquisa, de dúvida, de satisfação, de pressa de terminar o trabalho, minha filha Clarissa Araujo Cassol, minha maior incentivadora e assídua utilizadora da minha interpretação do Yi Jing, meu agradecimento profundo.

Agradeço a minha mãe, Layr Joselita Araujo Leonetti, sempre compreendendo e valorizando meu esforço na elaboração deste livro.

Minhas irmãs Helena e Suzana, meus irmãos Pedro Paulo e Carlos Araujo Leonetti, cada um deles tem o seu papel na minha trajetória.

Meu irmão Pedro Paulo introduziu o Yi Jing em minha vida, presenteando-me com um exemplar do livro quando eu tinha 19 anos. Alguns anos depois Helena me presenteou com o Yi Jing da famosa tradução e interpretação de Richard Wilhem, do qual me utilizei preferencialmente até que a minha própria interpretação tivesse ficado pronta.

Minha tia Lucinda Maria Araujo de Oliveira sempre valorizou minhas investigações através do Yi Jing e os ensinamentos do livro. Minha tia Lia Dalva Araujo Porto sempre me deu força em tudo. Minha prima Kátia Bittencourt Borges, abriu as portas da sua escola para que pudéssemos lá nos reunir para estudar o Yi Jing.

E, finalmente, os meus queridos amigos, a "Turma do I Ching", aquele grupo que se reuniu todas as quartas-feiras às 7 horas da noite, de 5 de setembro de 1995 a 4 de dezembro de 2002, nas dependências da Escola da Praia do Riso, em Coqueiros, Florianópolis, para, sob a direção do Jorge, ler e discutir, linha por linha, hexagrama por hexagrama, desde o 1º até o 64º, sempre com interesse e ânimo. Meus amigos Maria de Fátima Ferreira, Nilce Maria Pereira, José Augusto de Carvalho Rosa, Norberto Lucio Rozenfeld e, mais uma vez, Jorge: é muito bom ter vocês, muito obrigada por estarem junto. Jamais esquecerei dos chopes e pizzas, caipirinhas e camarões à milanesa entremeados nas mutações do yin e do yang.

## PREFÁCIO

A intenção de um oráculo é orientar as pessoas que o procuram, fornecendo-lhes um conhecimento que elas desejam e não possuem, seja porque esse conhecimento está oculto por trás do véu das aparências da realidade, seja porque ainda está envolvido nas dobras das sementes do futuro.

A intenção do Yi Jing, como oráculo, não é, porém, desvelar ante o consulente um futuro claro e definido, ou um destino inexorável: o que ele faz é mostrar o rumo que os acontecimentos tendem a tomar, partindo da posição atual das pessoas e coisas envolvidas, e, geralmente, ainda se determinados ajustes forem feitos. O Yi Jing não ignora o livre-arbítrio humano: são as decisões e ações das pessoas, por sua vez influenciadas pelas mudanças no meio externo, que definirão, dentre as possibilidades existentes, qual se irá realizar. O papel do Yi Jing, como oráculo, é, portanto, mais de revelação e orientação do que de previsão, embora, ao orientar, ele indique o provável resultado de a pessoa fazer isto ou aquilo. Assim, em termos de previsão, o Yi Jing não revela o futuro nem direta nem claramente, porque sempre deixa espaço para o livre-arbítrio. Porém, em termos de revelação da verdade latente na realidade presente, ele é muito eficaz.

As pessoas procuram os oráculos com a intenção de saber a que verdade ater-se numa determinada situação. Os oráculos são mais um meio de que se servem para mitigar sua ignorância e conseqüentes dúvidas, buscando sempre acertar, ou errar o mínimo possível, sofrer o mínimo possível.

Quando comecei a consultar o Yi Jing, não entendia suas respostas. Por isso ficava confusa e, às vezes, tomava o caminho oposto àquele que seria o mais acertado. Não conseguia ver o que ele me mostrava, a verdade subjacente às circunstâncias internas ou externas a mim, prevenindo-me contra ações ou situações negativas. A minha intenção, ao fazer uma interpretação dos enunciados do Yi Jing, é simplesmente entendê-lo.

Não tenho a intenção de fazer um estudo técnico, histórico ou filosófico do Yi Jing, como faz, de forma magistral, Jorge Vulibrun. Existem excelentes e numerosos tratados sobre isso, dos quais conheço alguns. A minha abordagem é eminentemente prática, visando o uso do Yi Jing como oráculo, e só. Não obstante, o caudal de sabedoria, história, filosofia, etc., que o Yi

Jing carrega nos seus enunciados, inevitavelmente esteve presente em minha mente quando elaborei as interpretações.

Este livro levou 15 anos sendo redigido. É uma tentativa bem-intencionada de evitar o mal da desorientação para alguns daqueles que, daqui para frente, vierem a consultá-lo. Que encontrem a orientação esperada e tenham a sabedoria de segui-la!

## INTRODUÇÃO

### 1. INSTRUÇÕES

#### 1.1 COMO CONSULTAR

Sendo o Yi Jing estruturado em 64 hexagramas, e sendo os hexagramas desenhos de 6 linhas cada um, abertas ou fechadas, ordenadas de baixo para cima, o primeiro passo do processo de consulta, após a formulação da questão ou pergunta, consiste em determinar 6 linhas para formar um hexagrama para ler, em resposta à questão formulada. Esse hexagrama, se contiver linha mutante, gerará um segundo hexagrama, ou hexagrama derivado, porque deriva do primitivo. Tanto o primeiro quanto o segundo hexagramas, e as linhas mutantes, ou móveis, compõem a resposta oracular. Não havendo linhas mutantes, não haverá linhas a ler, nem segundo hexagrama.

As linhas recebem, tradicionalmente, os números 6, 7, 8 e 9.

As linhas de nº 6 e 8 são abertas:        —        —

As linhas de nº 7 e 9 são fechadas:        ————

As linhas de nº 7 e 8 não mudam, são fixas.

As linhas de nº 6 e 9 são mutantes: elas viram para o seu contrário, formando o desenho de um segundo hexagrama. As linhas de nº 6 comparecem na composição do 1º hexagrama como abertas e, no 2º, como fechadas. As linhas de nº 9 figuram fechadas - ou inteiras - no 1º hexagrama, e abertas - ou partidas - no 2º.

À medida que se vão obtendo as linhas, por um dos métodos descritos a seguir - ou ainda outros - se as vai desenhando, de baixo para cima, com o número correspondente ao lado, que é para que se saiba quais são as mutantes, as quais devem ser lidas, e viradas.



Exemplo:

	1º hexagrama	2º hexagrama
6ª linha	— — 6 -	————
5ª linha	— — 8 -	— —
4ª linha	— — 8 -	— —
3ª linha	———— 9 -	— —
2ª linha	———— 7 -	————
1ª linha	———— 7 -	————

Dessa resposta dever-se-iam ler, do 1º hexagrama, as partes gerais e a 3ª e 6ª linhas. Do 2º hexagrama, apenas as partes gerais.

As partes gerais não compõem o desenho do hexagrama, e são o nome, o Julgamento e a Imagem.

Cada hexagrama é tradicionalmente dividido em dois trigramas, o inferior e o superior, compostos, respectivamente, pelas três linhas de baixo e pelas três linhas de cima do hexagrama. A maneira mais prática de localizar o número de um hexagrama é através da junção dos trigramas, numa tabela do tipo da apresentada após esta introdução.

#### MÉTODO DAS CARTAS DE BARALHO

Este método me foi ensinado por Jorge Vulibrun, que passou a adotá-lo por ser o sistema que reproduz as probabilidades do método das varetas, o primitivamente usado pelos consulentes, na China.

De um baralho qualquer, separam-se 2 cartas de copas, 6 cartas de ouros, 10 cartas de paus e 14 cartas de espadas. Para a obtenção de cada linha do hexagrama, embaralham-se as cartas e puxa-se uma do monte, sem escolher. A correspondência entre naipes e tipos de linha é a seguinte:

Copas corresponde a uma linha aberta mutante, linha de nº 6.

Ouros corresponde a uma linha fechada mutante, linha de nº 9.

Paus corresponde a uma linha fechada que não muda, linha de nº 7.

Espadas corresponde a uma linha aberta que não muda, linha de nº 8.

Em vez de cartas de baralho, a pessoa também pode usar cartões fáceis de manusear, de quatro cores, vermelhos, verdes, azuis e brancos, por exemplo. O importante é respeitar a correspondência entre o número de cartões de cada cor e os tipos de linha, a fim de não alterar a probabilidade de sair cada tipo de linha, uma vez que essa probabilidade é a fixada pela tradição, através do mais antigo dos métodos de consulta, o das varetas.

O método das cartas é um dos mais recentes de todos, tendo-se originado na década de 1980, a partir da aplicação da ciência estatística à consulta ao Yi Jing.

#### MÉTODO DAS MOEDAS

Tomam-se três moedas pequenas e iguais. A um dos lados das moedas atribui-se o valor 2 e, ao outro, o valor 3. Com as mãos, sacodem-se as moedas e se as jogam sobre uma superfície plana. Quando elas param, contam-se os números das faces que caíram voltadas para cima, somando o total de pontos, que só poderá ser 6, 7, 8 ou 9. O resultado da primeira jogada indica a linha inferior do hexagrama da resposta; o da segunda jogada, indica a segunda linha de baixo para cima, e assim por diante, até a 6ª.

Ao lado de cada linha obtida, o consulente escreve o número a partir do qual ela se originou. Se houverem linhas de número 6 ou 9, linhas mutantes, portanto, deve ser desenhado também o hexagrama derivado da mutação delas, que passa a fazer parte da resposta.

O método das moedas é bastante antigo, e muito simples de executar.

#### MÉTODO DAS VARETAS

Tomam-se cinquenta varinhas de aproximadamente 40 centímetros de comprimento. Tradicionalmente essas varinhas eram da planta *Achillea millefolium*, também chamada mil-folhas, ou aquiléia.

Das cinqüenta varinhas tira-se uma, que não participa mais da manipulação, ficando o consulente com quarenta e nove hastes.

Dividem-se as quarenta e nove hastes rapidamente em dois montes, colocando-os um ao lado do outro.

O consulente procede a três manipulações das quarenta e nove varinhas para a obtenção de cada linha do hexagrama da resposta. Repete seis vezes as três manipulações para obter as seis linhas do hexagrama da resposta. Ao total são dezoito manipulações.

#### 1ª manipulação:

Do monte da direita o consulente tira uma varinha e a coloca entre os dedos mínimo e anular, da sua mão esquerda.

Separam-se as varinhas do monte da esquerda, de quatro em quatro, até sobraem quatro ou menos varinhas. O consulente coloca essas varinhas restantes entre os dedos anular e médio da sua mão esquerda.

Separam-se as varinhas do monte da direita, de quatro em quatro, até sobraem quatro varinhas ou menos. O consulente coloca essas varinhas restantes entre os dedos médio e indicador da sua mão esquerda.

Agora o consulente soma todas as varinhas seguras na sua mão esquerda, obtendo um total de cinco ou de nove. Se o total for cinco, ele lhe atribui o valor 3; se o total for nove, o valor atribuído é 2. É conveniente anotar esse valor, para não esquecer-lo nem confundi-lo.

Deixam-se essas varinhas de lado.

#### 2ª manipulação:

Os dois montes de varinhas são juntados num só e este é, novamente, sem reflexão, dividido em dois.

Do monte da esquerda separam-se as varinhas, de quatro em quatro, até sobraem só quatro ou menos. O consulente coloca as varinhas que sobraem entre o dedo anular e o dedo médio da sua mão esquerda.

Do monte da direita separam-se as varinhas, de quatro em quatro, até sobraem só quatro ou menos. O consulente coloca as varinhas que sobraem entre os dedos médio e indicador da sua mão esquerda.

Somam-se as varinhas dos dois grupos seguros na mão esquerda, e o resultado será oito ou quatro. Se o total for oito, o consulente lhe atribui o valor 3. Se o total for quatro, o valor atribuído será 2. Novamente, é bom anotar o valor obtido.

Também se deixam essas varinhas de lado.

3ª manipulação:

Os dois montes de varinhas são novamente reunidos e separados, e repete-se todo o processo da 2ª manipulação, até que se tenha, mais uma vez, o valor 3 ou 2.

Formação da linha:

Somam-se os valores finais das três manipulações, e obtém-se um resultado igual a 6, 7, 8 ou 9, que indica o tipo de linha que deve ser desenhada.

Após a formação de cada linha, reúnem-se as quarenta e nove varinhas e reinicia-se o processo das manipulações, até que se tenham as seis linhas formadas.

O consulente escreve, ao lado de cada linha, o valor numérico que a originou. Se, no hexagrama formado, houver linhas de número 6 ou 9, linhas mutantes, o consulente deve efetuar a sua mutação a fim de obter o segundo hexagrama, que também passa a fazer parte da resposta.

O método das varetas é o mais antigo depois do método de provocar rachaduras em cascos de tartarugas (ou talvez examinar rachaduras naturalmente formadas). É também o mais complexo e demorado.

## 2.2 Como entender a resposta

Uma vez formulada a pergunta - ou proposta a questão ao oráculo - preferencialmente por escrito, da forma mais objetiva e clara possível; e realizada a consulta através de um dos métodos disponíveis, a saber, das varetas, das moedas, das cartas de baralho ou outro, e obtido um ou dois hexagramas como resposta, chega o momento de ler a resposta - hexagramas e linhas mutantes - e entendê-la, aplicando-a ao caso específico da consulta.

O **objeto da consulta** é justamente o **assunto da pergunta ou questão**. Indica qual é a preocupação do consulente, a dúvida ou incerteza que ele quer esclarecer, a

explicação que ele deseja obter. A pergunta gera a resposta. Uma pergunta específica gerará uma resposta igualmente específica para aquele caso. Uma pergunta muito ampla, ou a ausência de pergunta - o jogar em branco - gerará respostas talvez tão amplas que o consulente poderá ter dificuldades para encaixá-la na sua situação pessoal, para aplicá-la a alguma coisa em particular. Perguntas com duas ou mais hipóteses possíveis tornam confusa a resposta, pois pode não se saber a qual das hipóteses a resposta se refere. O melhor é formular perguntas sem alternativas, fazendo tantas consultas quantas forem necessárias para esclarecer um assunto. Em qualquer dos casos, não devemos esquecer que o oráculo revela, de uma dada realidade, aquilo que sabemos e aquilo que não sabemos, que não vemos, mas que está lá, latente, e influenciando a situação. Assim, ao não entendermos uma resposta, lembremo-nos de conectá-la à pergunta e aventemos a possibilidade de que a realidade da questão não seja exatamente aquela que imaginávamos. Ainda pode ocorrer que se pergunte uma coisa e o Yi Jing responda outra, que, embora não formulada, é a questão mais importante no momento, que deve ser resolvida prioritariamente. E convém observar que, se para um assunto negativo, obtivermos uma previsão positiva, isso significa um desenvolvimento do negativo, significa que o mal tende a progredir.

Definido o objeto da consulta, dois elementos fundamentais devem ser levados em conta para a interpretação da resposta: a situação atual do sujeito da consulta em face daquele assunto, e as pessoas envolvidas na questão, com suas respectivas posições em face do assunto.

O **sujeito da consulta** é a pessoa sobre quem se faz a consulta; pode ser o próprio consulente ou não. Geralmente, uma parte da resposta é a descrição da situação do sujeito da consulta. Por exemplo, se o sujeito está hesitante, inseguro, sobre o assunto da consulta, e o Yi Jing dá uma linha onde a tônica é a indecisão e o medo, provavelmente está, nessa linha, apenas refletindo a situação do sujeito, não se tratando, ainda, de uma previsão.

Do mesmo modo, muitas vezes uma parte da resposta se refere ao sujeito da consulta e outra parte se refere a quem interage com ele, as pessoas envolvidas na situação ou que serão atingidas pela ação que se pretende realizar ou ver acontecer. Havendo várias linhas mutantes, e havendo várias pessoas envolvidas na questão, cada linha, provavelmente, diz algo sobre cada uma dessas pessoas. Certas indicações das

linhas poderão ajudar a identificar de quem se trata, e, normalmente, não é muito difícil saber que linha descreve o nosso próprio comportamento e que linha fala do outro: o difícil é aceitá-lo.

**Ao ler a resposta, a seqüência correta é a seguinte:** O consulente deve começar pelo primeiro hexagrama obtido e ler dele: o nome, que é muito importante porque dá a característica principal da situação; o Julgamento, que dá o panorama geral da situação como um todo; a Imagem, que dá os conselhos básicos para quem se encontra naquela situação; e as linhas mutantes (as que saíram com número 6 ou 9), que fornecem explicações, alertas, recomendações, tendências ou previsões específicas para os vários aspectos da realidade enfocada ou para as várias pessoas abrangidas pela questão. Por fim, deve verificar qual o hexagrama derivado da mutação das linhas mutantes obtidas e ler, desse segundo hexagrama, apenas o Julgamento e a Imagem. O segundo hexagrama complementa a resposta, geralmente apresentando um quadro amplo do desfecho, dos resultados, das conseqüências, do que resultará, enfim, dos movimentos apresentados pelo primeiro hexagrama.

Ao falar do **segundo hexagrama** obtido, tem-se que considerar o **fator tempo**, tempo a que se refere a resposta. O tempo da resposta é definido pelo tempo a que se refere a pergunta. Não há, na língua chinesa, declinação temporal para os verbos, portanto é o consulente que, através da questão formulada, determina a época a que se reportam os enunciados do oráculo: o texto original do Yi Jing em geral não indica passado, presente ou futuro. Assim, se a consulta versa sobre um assunto do presente, o mais comum é que o primeiro hexagrama mostre a situação atual e o segundo mostre o provável futuro dessa situação, ou o futuro posicionamento do sujeito da consulta, face ao assunto. Mas também pode ocorrer que os dois expliquem o presente, dando informações sobre diversos aspectos da questão, por exemplo. Se, porém, a pergunta indaga sobre as causas de uma determinada situação do presente, e forem obtidos dois hexagramas, é possível que um explique a situação presente, e outro, as suas causas, reportando-se, portanto, ao passado. Aí somente o consulente é quem pode posicionar os fatos no tempo. Se a pergunta for toda sobre acontecimentos do passado, obviamente algum elemento da resposta deverá remeter ao passado e, do mesmo modo, se a pergunta for totalmente voltada para o futuro, deve-se ler a resposta como previsões ou conselhos para o futuro. Nada disso, porém, é rigidamente assim: pode acontecer, por exemplo, que numa pergunta sobre o futuro a pessoa receba como resposta

recomendações claras para se ocupar de algum aspecto do presente.

Se a pessoa tirou **mais de uma linha mutante**, os significados das várias linhas não se entrecruzam. Cada linha tem o seu significado, podendo mostrar um outro lado da questão, uma outra alternativa de ação ou uma ação complementar, mostrar o ponto de vista ou a condição dos outros participantes da situação, etc. Além desses significados básicos, cada linha deve ser entendida segundo seu próprio modo, ditado pelo seu conteúdo e por todo o contexto da consulta. Assim haverá linhas que devem ser entendidas como descrição do que acontece, outras como revelação, conselho, aviso, etc. Neste livro não é feita nenhuma tentativa de interpretação apriorística de cruzamento de linhas, pois isso, no meu entendimento, proporcionaria mais confusão do que utilidade. Entretanto, algumas considerações podem ser feitas. Por exemplo: várias linhas móveis contraditórias entre si podem estar mostrando vários rumos possíveis de ação ou as ações de várias pessoas; linhas complementares entre si podem estar indicando uma provável evolução ou gradação do assunto, tanto no tempo quanto no amadurecimento; e linhas com conteúdos diferentes podem simplesmente estar informando aspectos diferentes do assunto, ou do comportamento das pessoas, conforme afirmado acima.

Uma coisa parece ser verdadeira quanto às linhas: **se uma ou mais linhas mutantes contradizem aquilo que está dito no Julgamento**, o consulente deve entender o Julgamento como o pano de fundo geral da situação, e as linhas como a indicação da sua situação específica naquele panorama geral; portanto, deve prestar mais atenção ao que dizem as linhas, e seguir as recomendações que elas trazem. Assim, se o Julgamento apresenta uma perspectiva positiva, e a linha apresenta uma perspectiva negativa, significa que, embora a situação seja, em princípio, boa, o sujeito da consulta tende a sofrer reveses ou dificuldades. Se, ao contrário, a linha é positiva, em contraposição a um quadro geral negativo, significa que o sujeito tem condições de se sair bem, apesar das dificuldades inerentes à situação em que se encontra. Qual das tendências se irá concretizar depende, normalmente, da atuação do sujeito da consulta na sua vida real.

Quanto ao **conteúdo da resposta, como um todo**, acredito que, normalmente, o Yi Jing descreve o que e como as coisas são, o modo como o sujeito está agindo, e a que resultado isso tende a levar. Em resposta a pedidos de orientação, pode

ocorrer, e freqüentemente ocorre, que o oráculo diga como as coisas deveriam ser posicionadas e como o sujeito deveria agir para atingir um determinado resultado. Mas, mesmo nesse tipo de questão, é usual vir, antes de tudo, um panorama da situação real, presente, e depois a tendência atual de evolução dos acontecimentos.

E - é importante saber - nas suas descrições, panoramas, apanhados gerais ou indicações específicas, o **Yi Jing** raramente é neutro: geralmente ele é crítico, **julga** o que está ocorrendo. Por isso mesmo é que o enunciado declaratório inicial se chama Julgamento. Os critérios do Yi Jing para avaliação de uma situação são muito particulares. O ponto de referência principal é a adequação das coisas com as exigências e as possibilidades das circunstâncias em que se inscrevem, do momento: quanto mais de acordo com o momento, mais corretas são as coisas. Outro ponto de referência importantíssimo é o comportamento humano ideal: o mais nobre, o mais sábio, o mais equilibrado, o mais sensato, o mais educado, o menos arrogante, o menos teimoso, o menos bruto, entre outros, que exista, esse é o comportamento correto. Ao ser humano de comportamento ideal - correto, nobre, justo, virtuoso, sensato, equilibrado, civilizado, etc. - é que se indica com a denominação de pessoa sábia, cavalheiro ou homem superior.

Também importantíssimo é o consulente **ler o texto oracular original** traduzido - que, neste livro, vem em negrito, logo após o subtítulo Julgamento - **antes de ler a interpretação** que ofereço, em seguida ao enunciado; pois, afinal, aquelas frases são, efetivamente, a resposta do oráculo à sua consulta. Muitas vezes poderá entender diretamente a mensagem contida nos enunciados originais, sem precisar reportar-se à interpretação. Outras vezes não a compreenderá, porque a linguagem oracular é, essencialmente, ambígua, enigmática e cifrada, apesar da excelente tradução feita por Jorge Vulibrun. A tradução de Jorge Vulibrun, aqui utilizada, parte das imagens implícitas nos traços do hexagrama e do seu ideograma correspondente, em chinês. Surge daí uma idéia coerente do rumo de significação que os diversos enunciados daquele hexagrama devem tomar, e cada enunciado - o Julgamento, a Imagem e as linhas - é traduzido levando em consideração as palavras e seu sentido literal, e o contexto da frase e do hexagrama em que aquele enunciado se insere. É tarefa do consulente aplicar os enunciados oraculares ao seu caso específico, utilizando minhas interpretações para ajudá-lo.



De qualquer modo, os consulentes sempre têm que se esforçar para aplicar as respostas aos seus casos, seja entendendo diretamente os textos originais, seja usando as interpretações aqui propostas, adaptando-as às suas condições particulares. O Yi Jing abrange uma variedade e quantidade enorme de realidades, aplica-se a praticamente qualquer coisa que possa ser respondida discursivamente ou imagetivamente e, portanto, é natural que seus enunciados sejam abertos e gerais. A interpretação que apresento também é a mais neutra possível.

## 2. LINHAS E CRITÉRIOS DE INTERPRETAÇÃO

Nos seus primórdios, quando existiam apenas os riscos feitos nos cascos das tartarugas e os nomes dos desenhos assim formados, com algumas indicações sumárias, o Yi Jing devia atender ao homem comum e responder satisfatoriamente, pela boca dos adivinhos, a questões de toda espécie.

Ao ser codificado pelo Rei Wen e pelo seu filho, o Duque de Chou, por volta de 1.100 a.C., segundo atestam os estudiosos, o texto oracular foi cristalizado, mas manteve a característica de ser aberto a múltiplas interpretações, dependendo do enfoque e do contexto, devido à ambiguidade e amplitude das suas sentenças. Como, aliás, convém aos oráculos.

A partir daí, porém, começaram a manifestar-se os comentaristas do Yi Jing e a linha de interpretação que se firmou, vindo desde os antigos intérpretes chineses, dentre os quais destaca-se Confúcio, em aproximadamente 500 a.C., até Richard Wilhem, alemão, em meados do século XX, foi a de interpretação sob o ponto de vista do estadista, do indivíduo participante do governo de uma nação, que arma entendimentos políticos, outorga honrarias e privilégios, debela ou insufla rebeliões, comanda ou se engaja em revoluções, guerreia contra os inimigos, decide processos judiciais e disputas, aconselha-se com ministros ou com os espíritos dos ancestrais, atua como ministro, emissário, conselheiro, soldado, general, funcionário; governa, lidera, ergue templos, faz alianças, etc.

Justifica-se tal direcionamento em épocas em que os livros eram escritos quase que exclusivamente para os detentores do poder, para uma camada muito pequena da população que sabia ler e escrever e tinha tempo para isto.

Ao longo dos séculos o Yi Jing também tem interessado eruditos chineses que buscaram ver nele a linha do pensamento filosófico jacente por trás das instruções práticas que, como

disse ao início, devem ter primeiramente interessado o homem comum.

A partir do século XX dois caminhos têm-se mostrado os preferidos dos comentaristas: A linha do uso do Yi Jing como instrumento de autoconhecimento, que vai desde as reflexões de Carl Gustav Jung, às mais arbitrárias e delirantes viagens mentais de comentaristas norte-americanos, brasileiros e provavelmente outros, que desconheço, os quais, em meio a alguma interpretação corretamente baseada no texto oracular, colocam como “verdades” do Yi Jing crenças particulares suas, algumas bem pessoais. E a linha de uso do Yi Jing como oráculo de amplas aplicações, onde se destaca positivamente Jean-Philippe Shlumberger, francês que, combinando análise técnica com intuição interpretativa, realiza um trabalho de peso que se aproxima mais do entendimento puramente teórico do que da aplicabilidade à vida prática, à linha do uso do Yi Jing como conselheiro, principalmente para assuntos matrimoniais, amorosos.

Dentre estes últimos há trabalhos mais ou menos sérios, mais ou menos originais, mais ou menos bons. Há tantas edições no mercado que citar algumas aqui seria, talvez, insinuar uma preferência que não existe, porque nenhum chegou a me fornecer uma orientação clara e segura em qualquer assunto.

Não como comentaristas, mas como tradutores, destacam-se Wilhem, já citado, James Legge e John Blofeld, ingleses.

Não são os únicos, mas são talvez os mais sérios tradutores do Yi Jing diretamente da língua chinesa, e que apresentaram trabalhos confiáveis.

Mais recentemente, hoje, Jorge Vulibrun, argentino radicado no Brasil e naturalizado brasileiro, inconformado com as discrepâncias encontradas entre as traduções existentes, bem como com a falta de sentido de muitas das sentenças do Yi Jing, iniciou uma pesquisa do significado literal das palavras chinesas utilizadas em cada hexagrama, no nome e no texto.

O resultado dessa pesquisa foi uma nova tradução do Yi Jing, livre, tanto quanto possível, de tendências interpretativas. Foi esta tradução que adotei para a elaboração do meu livro de interpretação do Yi Jing. Aqui, portanto, os textos oraculares são os originais chineses traduzidos por Jorge, e a interpretação deles é minha.

Por incrível que pareça, o texto oracular, assim depurado de séculos de indicações dos comentaristas sobre o sentido em que as palavras deveriam ser tomadas, tornou-se mais acessível,

adquiriu, em muitos momentos, uma limpidez tal que permite o entendimento direto. Em outros momentos a complexidade dos conceitos abarcados pelas palavras ou o caráter enigmático das frases não permitem uma penetração tão rápida no sentido.

De qualquer forma, a tradução de Jorge Vulibrun é, para mim, a mais confiável de todas, por respeitar diferenças sutis entre vocábulos e traduzir por palavras diferentes em português coisas que foram nomeadas por palavras diversas em chinês, mesmo que o seu significado seja tão parecido que possa até ser confundido. E também por construir, em português, sentenças inteligíveis, logicamente aceitáveis, quando possível e cabível, mas não o fazer quando isto implicaria um aumento ou diminuição ou distorção do que havia sido dito originalmente em chinês. Acompanhei de perto o trabalho de tradução e sei que em nenhum momento o conteúdo foi sacrificado em função do aspecto formal.

A interpretação que ora apresento baseia-se em alguns critérios:

O primeiro critério adotado foi o da fidelidade ao texto original traduzido: toda a interpretação partiu antes do texto do que dos desenhos, embora, na seqüência, estes fossem considerados: linhas, trigramas e hexagramas como um todo. A tradução adotada, de Jorge Vulibrun, foi respeitada na íntegra.

O segundo critério foi o da neutralidade: procurei ao máximo não emitir opiniões nem conceitos pessoais; tudo o que é dito baseia-se no Yi Jing, não no que eu penso. Fui tão impessoal quanto possível. Ao emitir algum parecer individual, entretanto, deixei claro que se tratava do meu entendimento pessoal, não misturando as coisas.

O terceiro critério foi o de considerar, na interpretação de cada linha, a linha para a qual ela mudaria, se fosse mutante. Esse conceito me foi introduzido por Jorge Vulibrun que, em seus estudos do Yi Jing, detectou a estreita relação existente entre as linhas mutantes e as suas derivadas. Assim, não há necessidade de o consulente ler, de cada linha mutante obtida, a sua viração: na interpretação da linha tirada já está incluído o significado da linha para a qual ela mudaria, na forma de um complemento de alerta, confirmação, admoestação, resultados, etc. A mensagem mais forte é a da linha originalmente obtida, naturalmente; a da linha virada é complemento, muitas vezes reforço do significado da primeira.

O quarto critério foi o de considerar, na interpretação de cada linha: o fato de ela ser aberta ou fechada, a sua posição

dentro do hexagrama e dentro dos trigramas em que se insere, o seu relacionamento com as demais linhas do mesmo hexagrama, as características das linhas com que se relaciona e os significados tradicionais dos trigramas a que pertence e dos trigramas a que não pertence, e tudo isso de novo após a mutação da linha. No entanto, não coloquei neste trabalho a explicação de todos esses pormenores, a fim de não complicar a interpretação com um excesso de informações que, via de regra, não interessam ao consulente: basta-lhe saber que todos esses fatores - e ainda alguns outros, esporadicamente - foram considerados.

O quinto critério foi o de redigir um texto claro e fluente. (Motivo pelo qual, aliás, foram suprimidas as infundáveis explicações técnicas mencionadas acima.) Procurei compensar a complexidade e dificuldade do conteúdo com alguma simplicidade na redação, que pudesse resultar em facilidade na leitura.

## BIBLIOGRAFIA

A presente bibliografia limita-se a apresentar, em ordem alfabética, alguns dos livros mais ou menos relacionados ao Yi Jing que foram conhecidos e, em alguns casos, consultados durante a elaboração desta obra. Não atesta, por si só, aceitação ou concordância de pontos de vista.

ANTHONY, Carol K. **A Filosofia do I Ching**. Trad. Lia Alverga-Wyler. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

BLOFELD, John. **I Ching: O Livro das Transmutações**. Trad. Ronald Sérgio de Biasi. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, s/d.

BRITTO, Ely. **I Ching um Novo Ponto de Vista**. São Paulo: Cultrix, 1994.

COSTA, Osvaldo Gílson Fonseca. **I Ching: Uma Interpretação do Livro das Mutações**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.

DAMIAN-KNIGHT, Guy. **O I Ching do Amor: Uma Reinterpretação do I Ching para Relacionamentos Pessoais no Amor e no Casamento**. Trad. Louisa Ibañez. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

FOX, Judy et alii. **I Ching Iluminado**. Trad. Nair Lacerda. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

HOOK, Diana Ffarington. **O I Ching e Você**. Trad. Luiz Carlos Mendes Dias. Rio de Janeiro: Objetiva, 1991.

HUANG, Alfred. **I Ching: A tradução definitiva para o inglês pelo mestre taoísta Alfred Huang**. Trad. Cássia Maria Nasser. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

**I CHING:** O Livro das Mutações, Texto Oracular. Rev. Rubens Jorge e Lília Pinheiro Dias. 1. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1972.

JANAÍNA, Adriana. **Iniciação ao Tao pelo I Ching.** Rio de Janeiro: Record, 1995.

JAVARY, Cyrille. **O I Ching:** O Grande Livro do Yin e do Yang. Trad. Alayde Mutzenbecher. São Paulo: Pensamento, 1991.

LAO-TZU. **Tao Te Ching.** Org. Peter A. Merel. GNL, 1995.

LAO-TZU. **Tao Te King.** Org. e comentários de Richard Wilhelm. Trad. Margit Martincic. 4. ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

LEGGE, James. **I Ching:** O Livro das Mutações. Trad. E. Peixoto de Souza e Maria Judith M. 1. ed. São Paulo: Hemus, 1972.

LYNN, Richard John. **The Classic of Change:** A New Translation of the I Ching as Interpreted by Wang Bi. New York: Columbia University. Comentários Gerais sobre o Zhou Yi. Trad. Jorge Vulibrun.

MUTZENBECHER, Alayde. **I Ching:** O Livro das Mutações: Sua Dinâmica Energética. 2.ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

**O SEGREDO DA FLOR DE OURO.** Org. e comentários de Richard Wilhelm e Carl Gustav Jung. Trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

POWELL, Neil. **The Book of Change:** How to Understand and Use the I Ching. London: Orbis, 1979.

REIFLER, Sam. **I Ching**: A New Interpretation for Modern Times. 6. ed. New York: Bantam, 1981.

REIFLER, Sam. **I Ching**: Uma Nova Interpretação para os Tempos Modernos. Trad. Valéria Chamon. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

ROCCO, Gustavo Andrés. **Claves para Comprender e Interpretar el I CHING**: El Qué, Porqué, Cómo, Cuándo, Dónde y Quién de Cada Hexagrama. Madrid: EDAF, 2001.

**SABEDORIA CHINESA**. Org. Dagmar von Berg. Trad. Maria Madalena Würth Teixeira. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1984.

SCHLUMBERGER, Jean-Phillippe. **Yi King**: Principes, pratique et interprétation. 12. ed. St-Jean-deBraye: Dangles, 1987.

VULIBRUN, Jorge. **Comentários técnicos e filosóficos sobre o Yi Jing**. Originais inéditos. Florianópolis: 2001.

WILHELM, Richard. **A Sabedoria do I Ching**: Mutação e Permanência. Trad. Alayde Mutzenbecher. 2. ed. São Paulo: Pensamento, 1991.

WILHELM, Richard. **I Ching**: O Livro das Mutações. Trad. Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa Pinto. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 1982.

**YI JING; UMA FERRAMENTA PARA O AUTOCONHECIMENTO**. Trad. do chinês para o português Jorge Vulibrum. Originais inéditos. Florianópolis: 2011.

Florianópolis, 4 de Novembro de 2011.

Revisado em 2013.